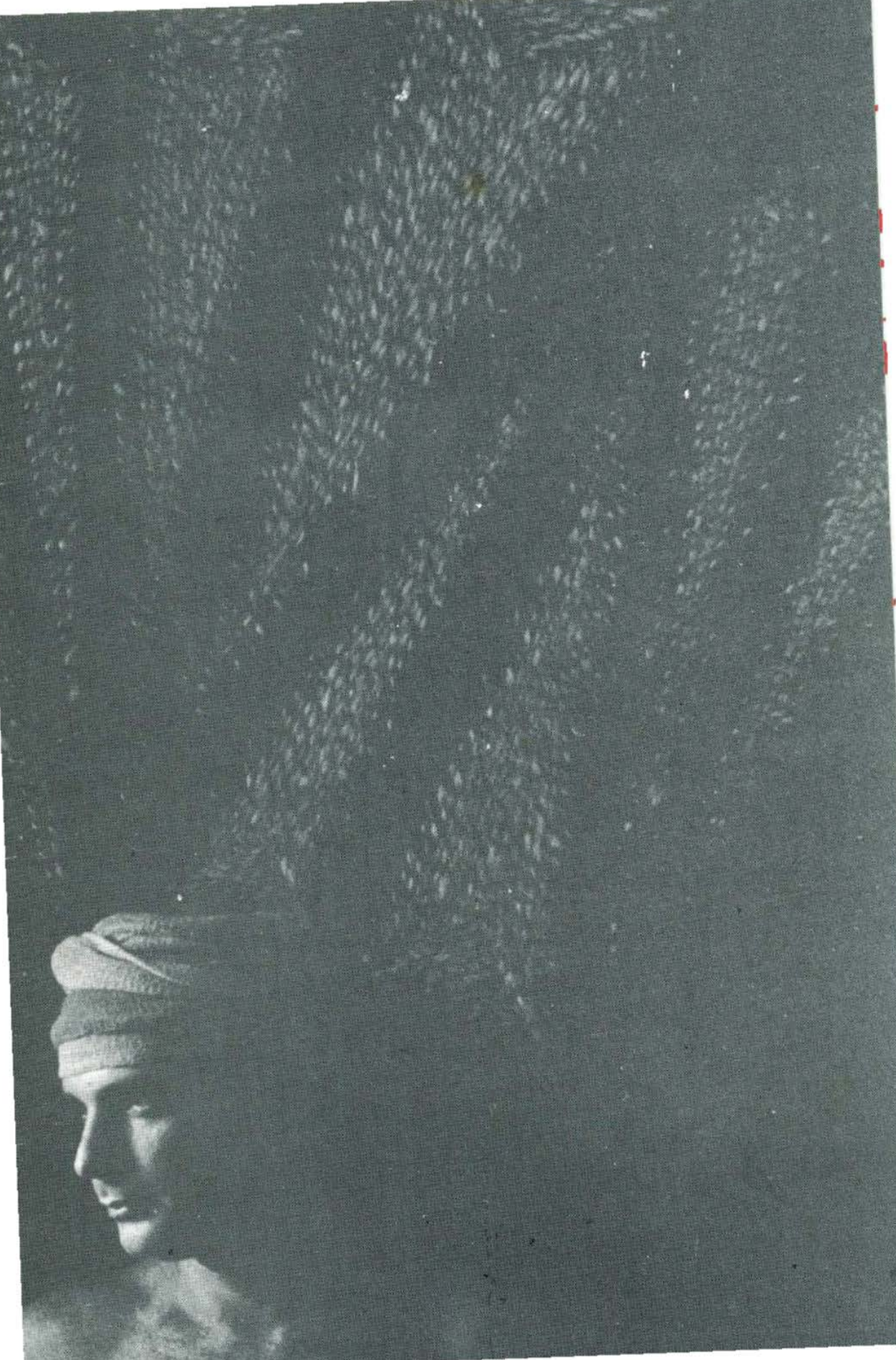


Carlos Morais Tape
Secaria Museu de Arte
e da UFC 13 a 19/7



Carlos Morais extrai do exercício da tapeçaria uma lição de valor exatamente sobre as fraquezas notórias e insuperáveis do gênero — a sua condição decorativa. Uma prova de grande inteligência. Porque o contrário disso é a exaustiva e já acadêmica variação em torno das aventuras têxteis exportadas pela Tchecoslovaquia e a Polônia, e que deram aos tapeceiros mais espertos uma saída honrosa da linearidade dos bordados e teares. É verdade que em todas estas tendências temos expressões talentosas e até criativas, mas nem a Trienal de Tapeçaria de São Paulo conseguiu disciplinar esta produção artesanal, em termos de exemplo amadurecido. Cabe exatamente à crítica, como sempre, o dever de organizar a grande mostra de tapeçaria brasileira que estamos esperando. Seria uma coletiva de poucos nomes, não mais que dez, cobrindo todas as tendências em voga. Enquanto isto não acontece, analisemos Carlos Morais que, com lucidez e elegância, consegue nos trazer uma novidade no campo de exercício das formas tecidas. Nascido no Ceará, terra da mais alta criatividade e de uma imposição saudável de raízes populares, Carlos Morais trabalhou durante anos com pontos tradicionais da tapeçaria bidimensional, ousando alguns relevos e atendo-se tematicamente às imagens regionais e imediatas da infância e da vida comunitária. As formas, como em painéis de mosaicos de civilizações primitivas, organizavam-se como quebra-cabeças espontâneos e sensíveis, com referências logotípicas de uma linguagem cifrada. Para o artista eram simplesmente as formas da memória infantil, armadas sem preocupação discursiva, mas desenvolvidas como um sistema signico. Em alguns trabalhos, e talvez por imposição de circunstâncias episódicas, destacavam-se personagens centrais, cangaceiros, borboletas, pássaros, etc., servindo o fundo como cenário auxiliar para o brilho dos protagonistas. Como em toda a sua obra atual vibra uma contenção, uma estrutura coesa de grande prazer tátil, forjando objetos compactos e luminosos que põem em questão as percepções visuais sobre as técnicas da taipa, do sapé, das esteiras e das redes, todos objetos de utilidade doméstica e de aplicação na elementar arquitetura popular. Com isto Carlos Morais cria seu luxo, que é ainda e sobretudo um ato de amor pelo povo, sua pobreza e imaginação, sua resistência e soberania na proposta de termos artesanais autônomos e pessoais, contrapondo-se a um contexto de erudições transpostas de maneira requintada. Para os laboratórios pretensiosos dos vanguardeiros, Carlos de Morais está realmente na vanguarda da tapeçaria brasileira, não por que queria, mas porque a isso foi levado pelo trabalho, pela atenção, pela paciência e sobretudo pelo respeito sem subserviência, ao que se constitui hoje o nosso grande patrimônio criador: a mão do povo. — Walmir Ayala — Rio, março de 1980.

CARLOS MORAIS — Nasceu em Fortaleza, Ceará, Brasil, a 1º de outubro de 1951. Iniciou suas atividades como Pintor em 1968, premiado no 1º Salão dos Jovens promovido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

ÓLEOS

- 1968 — Fortaleza-Ce — Salão dos Jovens, com premiação
- 1969 — Fortaleza-Ce — III Salão de A. Plásticas Prêmio Aquisição
- 1969 — Fortaleza-Ce — Salão de Abril
- 1969 — Texas Coletiva de Primitivos

TAPEÇARIA

- 1969 — Fortaleza-Ce — 1ª Individual no Ideal Clube
- 1970 — Fortaleza-Ce — Individual — no Palácio da Abolição — Inauguração
- 1970 — Fortaleza-Ce — A bordo do navio Ana Néri
- 1971 — Rio de Janeiro — Galeria Montmartre
- 1971 — São Paulo — Individual — Galeria "A Tapeçaria"
- 1972 — Fortaleza-Ce — Individual na Galeria "Gauguin"
- 1973 — Belo Horizonte — Individual na Galeria "Guignard"
- 1973 — Brasília - D.F. — Individual — Hotel Nacional
- 1974 — Rio de Janeiro — Individual — Real Galeria
- 1974 — São Paulo — Individual — "Galeria Kompass"
- 1974 — Geneve — Europa — Individual — Galeria Triptyque
- 1974 — Milão — Alta Galleria D'arte Ítalo-Brasileira
- 1975 — Salvador-Bahia — Museu do Estado da Bahia
- 1977 — Londres — Textural Art Gallery
- 1979 — São Paulo — Museu de Arte de S. Paulo Assis Chateaubriand
- 1980 — Rio de Janeiro — Individual — AM Niemeyer Artinteriores

COLETIVAS

- 1971 — Nova Iorque Iramá Gallery (Karla Sampaio)
- 1971 — Brasília — Pintores Cearenses (Palácio da Justiça)
- 1972 — Fortaleza-Ce — Casa Raimundo Cela
- 1972 — São Paulo — Eucatexpo
- 1973 — São Paulo Bienal Internacional de São Paulo
- 1974 — São Paulo — 1ª Amostra de Tapeçaria Brasileira (Fund. A. Penteadó)
- 1978 — São Paulo — Panorama da Arte Cearense — Paço das Artes S.P.
- 1979 — Fortaleza-Ce — Promoção do Colunista Lúcio Brasileiro
- 1980 — Fortaleza-Ce — 7º Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará — Premiada
- 1981 — Salvador-Bahia — "Artistas do Ceará" Promoção UFC — UFBA.
- 1982 — Fortaleza-Ce — Galeria Inéz Fiuza: — "Uma copa com arte"

